

## O FENÔMENO CONTRATRANSFERENCIAL E O MÉTODO ESTHER-BICK NA FORMAÇÃO DO ANALISTA: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.

Rodrigo Bandeira de Oliveira e Silva<sup>1</sup>

Luiz André Ferraz Carneiro<sup>2</sup>

Anna Costa Pinto Ribeiro<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente relato visa, por meio da articulação entre uma pesquisa bibliográfico-exploratória e a experiência de um Estágio Básico Supervisionado I, do Centro Universitário Academia, dissertar sobre a questão da contratransferência e a extrema relevância de o analista em formação compreendê-la. O estágio em questão foi realizado no primeiro semestre de 2020, e teve como objetivo a observação de díades cuidador-bebê em ambientes naturalísticos diversos; mais especificamente, buscou-se atentar para os sentimentos do discente ao realizar esse ato. Para a produção do relato, primeiramente foi realizada uma pesquisa com o intuito de compreender teoricamente o conceito de contratransferência: utilizando-se das contribuições de Sigmund Freud e Melanie Klein. A partir destes autores, define-se este conceito como um problema para a correta condução da prática clínica. Em um segundo momento, apresentou-se o Método Esther-Bick como uma poderosa ferramenta, precisamente, para o contato do estudante com as suas manifestações contratransferenciais. Em relação a este, é necessária a observação de que a contingência pandêmica modificou as condições de realização do método; isso, porém, de forma alguma invalida a proveitosa experiência explicitada. Compreende-se que o Método Esther-Bick foi a metodologia para a efetivação de parte da proposta do Estágio Básico Supervisionado I, da grade curricular do curso de Psicologia do Centro Universitário Uniacademia. As conclusões atingidas dizem respeito, majoritariamente, à contratransferência e à experiência da mesma como um fator que deve ser evitado na prática clínica em psicanálise. Por outro lado, referencia-se o fato de que a contratransferência é um instrumento de autoconhecimento que pode e deve ser aprofundado pelo psicoterapeuta, seja na própria análise ou em auto-análises esclarecedoras. Enfim, destaca-se a relevância da adoção da postura passiva e não-interventiva que o método Esther-Bick exige, bem como se reflete a respeito do incômodo experimentado nesta situação.

Palavras-chave: Contratransferência. Método Esther-Bick. Formação do analista.

### ABSTRACT

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia.

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: annaribeiro@uniacademia.edu.br

The present report aims, through the articulation between a bibliographic-exploratory research and the experience of the Estágio Básico Supervisionado I, of Centro Universitário Academia, to discuss the issue of countertransference and the extreme importance of the analyst in training to understand it. The internship in question took place in the first semester of 2020, and aimed at observing caretaker-baby dyads; specifically, the objective was to pay attention to the feelings of the student in this act. To write this report, firstly a research was carried out in order to theoretically understand this concept: using the contributions of Sigmund Freud and Melanie Klein. Based on these authors, countertransference is defined as a problem for the correct conduct of clinical practice. In a second moment, the Esther-Bick Method was presented as a powerful tool, precisely, for the student's contact with his countertransference manifestations. In relation to this, it is necessary to note that the pandemic contingency changed the conditions for carrying out the method; this, however, in no way invalidates the profitable experience explained. It is understood that the Esther-Bick Method was the methodology for carrying out part of the Basic Stage proposal. The conclusions reached mainly concern countertransference and the experience of it as a factor that should be avoided in clinical practice in psychoanalysis. However, reference is made to the fact that countertransference is an instrument of self-knowledge that can and should be deepened by the psychotherapist, either in his analysis or in enlightening self-analyses. Finally, the relevance of adopting the passive and non-interventive posture required by the Esther-Bick method is highlighted, as well as reflecting on the discomfort experienced in this situation.

Keywords: Countertransference. Esther-bick method. Analyst training.

## 1. INTRODUÇÃO

Compreendendo que esta exposição configura-se como uma articulação entre a experiência do estágio de observação realizado a partir de observação de díades cuidador-bebê<sup>4</sup> em ambientes naturalísticos e diversos preceitos teóricos, elegeu-se a temática da contratransferência e sua relevância na formação do analista. Dessa maneira, o relato busca, por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, estabelecer uma relação entre as manifestações contratransferências e a adoção do método Esther-Bick de observação. Ainda, isso foi realizado de forma articulada à prática no estágio.

No primeiro momento do trabalho, busca-se compreender o fenômeno da contratransferência e seus impactos nas dinâmicas relacionais. Assim, elegeram-se as concepções de Sigmund Freud e Melanie Klein como referenciais teóricos no desenvolvimento do tema. O intuito dessa etapa é o de firmar bases e estabelecer os

---

<sup>4</sup> A opção pela terminologia cuidador-bebê, no lugar de mãe-bebê, se dá pela pluralidade de relações de cuidado observadas, não se restringindo à que inclui a genitora.

fundamentos que auxiliaram na produção de um relatório que articulasse tal teoria à experiência prática.

A segunda parte do relato busca articular os estudos, referentes ao método Esther-Bick, às práticas realizadas no estágio básico de observação. Sendo assim, buscou-se a definição propriamente dita do método; e, em seguida, foi efetuada a relação entre a prática da observação não interferente e os benefícios de sua utilização.

Colocado isso, fazem-se necessárias algumas ressalvas a respeito da aplicação do método. Entende-se que este se origina a partir da necessidade de sistematização da observação familiar *in loco* nos primeiros 2 anos de vida da criança (RIBEIRO, 2021). No entanto, a partir dos impactos da pandemia de COVID 19 e das recomendações da Organização Mundial de Saúde referentes ao distanciamento social (AQUINO, 2020), a observação realizada no ambiente familiar, bem como a observação sistemática, que se embasou exclusivamente em crianças de até dois anos, tornou-se impraticável. Em decorrência desse fato, optou-se pela definição de horários e locais variáveis a fim de diversificar o contato com diferentes duplas.

Assim, o objetivo do trabalho é o de estabelecer uma ponte entre a teoria e as práticas experimentadas durante a experiência do Estágio Básico Supervisionado I, da grade curricular do curso de Psicologia do Centro Universitário Uniacademia. Em paralelo a isso, entende-se a necessidade de ampliar certos panoramas na construção de um pensamento que, apesar de relacionado à teoria, não se limita a ela. Portanto, reafirma-se a experiência contratransferencial vivida enquanto observador como fator primordial na compreensão do conteúdo aqui exposto.

## **2. A CONTRATRANSFERÊNCIA CONFORME SIGMUND FREUD E MELANIE KLEIN**

Uma vez que o conceito de contratransferência configura-se como uma reação à transferência, faz-se necessária a elucidação deste termo. No texto *Fragments de análise de um caso de histeria*, originalmente publicado em 1901, Sigmund Freud questiona o que seria o fenômeno da transferência. E, neste trabalho, responde da seguinte forma: “Elas são novas edições ou fac-símiles de impulsos e fantasias que são despertadas e tornadas conscientes durante o progresso na análise” (FREUD,

1974, p. 133). Essas revivências de experiências psicológicas, conforme o autor, ocorreriam de forma particular, uma vez que “[...] elas substituem alguma pessoa primitiva pela pessoa do médico” (FREUD, 1974). Franco e Beer (2015), para elucidar o conceito, recuperam a imagem do *clichê* que o fundador da psicanálise utilizou como metáfora para a transferência. Conforme estes autores, ao utilizar tal termo, Freud não se refere ao uso recorrente, adjetivo, do termo “clichê”, mas sim

[...] à origem do termo, que remonta à imprensa pré-digital, quando os conteúdos de cada página de jornal ou livro eram montadas em uma pesada placa de metal, letra a letra, montando um estereótipo que era então batido sobre a folha de papel para imprimir (no sentido literal, original) o conteúdo; a imprensa baseada no clichê e no estereótipo é a herdeira da tipografia de Gutenberg. A metáfora freudiana é clara e precisa: a transferência é a repetição estereotipada de padrões criados anteriormente. (FRANCO; BEER, 2015, n. p.)

A transferência, assim, refere-se a um fenômeno constitutivo do processo analítico, segundo o qual desejos inconscientes do analisando por objetos externos se repetem na figura da analista (BARTOLOMEI; FULGÊNCIO, 2008). E este conceito tem tal importância na relação terapêutica que, segundo Freud, “[...] só poderia denominar-se psicanalista aquele que levasse em conta [a transferência] em seu trabalho, sua dinâmica e seu funcionamento” (BARTOLOMEI; FULGÊNCIO, 2008, n. p.). Porém, não seria apenas a transferência a força presente na análise; a contratransferência também constitui-se como parte da dinâmica relacional deste ambiente.

Conforme Zambelli (2011), a contratransferência surge na obra de Freud sendo tratada, essencialmente, como um problema a ser dominado. Neste sentido, a contratransferência se constituiria como um obstáculo à terapia (ZAMBELLI, 2011). É em *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, debutante em 1910, que há uma definição mais concisa da contratransferência, conceituada como algo que “[...] surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes [do analista]” (FREUD, 1996, p. 150). Assim sendo, pode-se perguntar, o que são fenômenos contratransferenciais? Nas palavras de Figueiredo (2002, p. 2), “são respostas do analista às transferências do paciente”. A contratransferência é, portanto, a reação inconsciente do analista à revivência do analisando de experiências psicológicas anteriores, de cujos objetos foram substituídos pela pessoa do analista.

Assim, de acordo com Samarcos (2015), podemos perceber “[...] a preocupação de Freud em relação ao analista se expor” (p. 24). Segundo essa autora,

a forma que ele encontrou para evitar a intimidade entre os dois sujeitos envolvidos na análise, bem como para garantir o enfoque desta no paciente, seria a manutenção da frieza e da neutralidade por parte do analista (SAMARCOS, 2015). Afinal, o fenômeno contratransferencial, de acordo com Sigmund Freud, poderia impossibilitar a análise e o manejo da transferência do paciente (ZAMBELLI, 2011).

Melanie Klein<sup>5</sup> compartilhava a percepção freudiana da contratransferência como um obstáculo para a análise, inclusive sendo entusiasta da exposição de Freud sobre os perigos deste fenômeno (SAMARCOS, 2015). Samarcos (2015, p. 31) afirma que “uma das ressalvas de Klein quanto ao uso da contratransferência é a possibilidade de seu uso conferir permissão para os analistas<sup>6</sup> projetarem nos pacientes, atribuindo a eles seus próprios sentimentos”.

No estágio, foi perceptível a validade desta ressalva nas observações e análises realizadas das díades cuidador-bebê – a relação formada entre ambas estas partes. Ao buscar observar tais relações, posteriormente os estagiários se perceberam projetando nas situações os próprios sentimentos inconscientes, baseados em nossas próprias vivências com cuidadores. Isso obscurecia uma análise acurada das relações existentes entre o cuidador e o bebê, na medida em que em vez de se observar este fenômeno, observava-se, de fato, uma projeção dos próprios estagiários.

Para melhor compreender a cautela kleiniana a respeito da contratransferência, faz-se importante atentar-se às suas próprias palavras. Em *Narrativas da análise de uma criança*, lançado em 1961, Melanie Klein faz referência ao caso Richard, em que a psicanalista apercebeu-se da existência de sua contratransferência na relação analítica e, assim, buscou bloquear seus potenciais efeitos nocivos:

Embora consciente de minha contratransferência positiva, pude, pelo fato de manter-me alerta, conservar-me atenta ao princípio fundamental de analisar sistematicamente tanto a transferência negativa quanto a positiva, bem como as profundas ansiedades que apresentasse a atual situação, a análise das ansiedades despertadas pelo receio que ele manifestava em relação à guerra era a única maneira de ajudá-lo eficientemente. Acredito que evitei as armadilhas a que uma grande solidariedade com o sofrimento do paciente e uma contratransferência positiva podem conduzir (KLEIN, 1976, p. 19)

---

<sup>5</sup> Psicanalista austríaca pioneira no atendimento em psicanálise com crianças e no estudo a respeito da psicose.

<sup>6</sup> No texto, a noção de analista é ampliada para incluir o psicólogo em formação.

Aqui, Melanie Klein coloca a possibilidade de tornar-se consciente da contratransferência como um meio de impedir que esta impossibilite o eficaz trabalho psicanalítico. É complementar notar que “Klein sugere que o analista sempre que tiver algum sentimento em relação ao paciente faça uma autoanálise esclarecedora” (SAMARCO, 2015, p. 32). A contratransferência, afinal, não seria uma ferramenta profícua para uso no *setting* psicanalítico, mas sim algo que diz respeito à própria pessoa do analista e, neste sentido, um instrumento de autoconhecimento, não de conhecimento sobre o outro. Isso fica claro em Klein (2017) quando a psicanalista afirma o seguinte: “[...] nunca pensei que a contratransferência me ajudou a compreender melhor meu paciente, mas, posso talvez colocar dessa forma, achei que ela me ajudou sempre a me compreender melhor” (KLEIN, 2017, p. 104, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Mais uma vez, a experiência do estágio permite uma perspectiva prática sobre estas contribuições. Era interessante como, frequentemente, os observadores ficavam incomodados com determinados eventos ocorridos durante as observações; porém, não se entendia a razão. O incômodo era vivenciado em um nível inconsciente, fora de escopo consciente ou racional. Por outro lado, frequentemente, escrevendo a respeito deste incômodo refletiu-se a respeito das razões porque aquilo foi doloroso — a escrita, aqui, era uma ferramenta para a tomada de consciência das múltiplas formas como projetamos questões e vivências primordiais nossas no ambiente relacional observado.

Esta tomada de consciência foi relevante por dois motivos. Primeiro, por adquirir conhecimento prático — mediante o contato — com um dos perigos primordiais da contratransferência conforme Freud: o de tirar o enfoque da observação do paciente (SAMARCO, 2015). Atentando às próprias sensações enquanto observavam, os estagiários perceberam a força com que as impressões pessoais do analista podem mascarar uma percepção eficaz a respeito do analisando. Em segundo lugar, para o próprio elemento de autoconhecimento; de certo, este estágio foi uma oportunidade interessantíssima para experimentar sentimentos que remetem às próprias vivências infantis e com os cuidadores. Assim como Klein (2017), guardadas as devidas proporções, os discentes deste estágio também saíram com a

---

<sup>7</sup> O texto original que foi traduzido se refere ao livro *Lectures on technique*, publicado pela editora inglesa Abingdon.

sensação de que a experiência da contratransferência os munuiu com maior conhecimento sobre eles mesmos.

### 3. O MOVIMENTO DE CONTRATRANSFERÊNCIA NO MÉTODO ESTHER-BICK

O método Esther-Bick é um método de observação de bebês elaborado pela psicanalista Esther Bick (LOPES *et al.*, 2006), que permite ao analista um contato com a relação cuidador-bebê mas, por outro lado, sem qualquer viés interventivo. O intuito, neste método, é o de observar sem intervir, atentando-se aos efeitos contratransferenciais provocados no próprio sujeito observador. Assim sendo, Caron (1995, p. 283) destaca que, apesar dessa distância, o “[...] observador desempenha uma efetiva participação não-verbalizada, não agente, mas vivenciada”, atentando-se principalmente aos aspectos cotidianos que estruturam a relação da dupla – são eles os processos encadeados à “[...] higiene, alimentação, sono, regulação de dor, angústia e insegurança, troca verbal e contato visual” (RIBEIRO, 2021). O método Esther-bick, enfim, se desenvolve em três tempos: primeiramente, há a observação; em segundo lugar, as anotações das experiências observadas; e, em terceiro, a supervisão (RIBEIRO, 2021).

No que diz respeito a este primeiro momento, observacional, destaca-se a extrema dificuldade em não adotar uma abordagem teórica ou preceitos prévios para a estruturação dessa etapa. Não obstante, para que haja um maior entendimento acerca dessa ideia, Oliveira-Menegotto *et al.* (2006) destacam que:

A palavra de ordem presente na descrição do método e seus achados por Bick é que partimos do não-saber: eu não sei e não procuro nenhuma conclusão. Nesse sentido, observar um bebê significa deixar-se impregnar por uma realidade sensível – sons, cores, atmosferas emocionais – que entram em ressonância com esses mesmos aspectos do observador. É relevante uma atitude de espera, tolerância e paciência frente ao desconhecido e ao “não saber”. Significa deixar-se penetrar por mensagens não compreendidas, tolerar esta não-compreensão, suportar viver na falta de um sentido, aguardando que ele surja. (OLIVEIRA-MENEGOTTO *et al.*, 2006, p.80)

Aqui, entende-se a importância de se observar o fenômeno tal qual o mesmo se apresenta. Evidentemente, para que isso aconteça, é necessário que a compreensão daquilo que foi observado seja póstuma e não corrente àquilo que foi experimentado. Colaborando com essa ideia, em seu texto *Recomendações ao Médico que Pratica Psicanálise*, originalmente publicado em 1912, Freud entende o

analista como “[...] aquele que dentro de si, bem como no mundo externo, espera sempre encontrar algo novo” (FREUD, 2010, p.120), algo que não circunscreve-se em referências teóricas ou preceitos anteriormente proferidos, mas que se articula no espanto e na surpresa com aquilo que se apresenta a partir do acesso ao inconsciente. Tais conceitos ecoam na próxima fase de descrição do método; o de anotação a respeito do observado.

Uma das características deste segundo momento do método Esther-Bick, o das anotações, faz-se semelhante à fase de observação. Com isso, referimo-nos a uma descrição a respeito da experiência vivida que não deve ser embasada em teorias. Deste modo, para Talberg (1997, apud RIBEIRO, 2021) a escrita “[...] deve ser feita nos mínimos detalhes [...], separando as anotações que refletem os detalhes da relação mãe-bebê daquelas que traduzem os impactos no campo psíquico do observador”.

Aqui cabem algumas considerações a respeito da escrita adaptada às observações. Afinal, conforme colocado no tópico anterior, as anotações eram realizadas logo após a vivência do estágio; porém, novos significados, à medida que tais experiências eram evocadas, continuamente eram experimentados. O fato é que, ao concentrar a atenção em um ponto específico, os discentes ignoravam outros fatores que não vieram à tona em um primeiro momento, e só se fizeram conscientes após, com a consciencialização necessária à escrita. Sobre isso, Freud a respeito da seletividade interpretativa:

Assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar no material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com uma clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer esta seleção, ele estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Ao selecionar e se segue as suas expectativas, corre risco de nunca encontrar nada além daquilo que já sabe. (FREUD, 1969, p.150)<sup>8</sup>.

À vista disso, apesar da transcrição da experiência pautar-se no movimento de exprimir o fenômeno tal qual ele se apresentava, constantemente os estagiários se deparavam com novos elementos que haviam passado despercebidos. De modo análogo, estas novas interpretações e frustrações advindas das correlações realizadas sobre a contratransferência interpretada, no processo de observação e

---

<sup>8</sup> O texto original que foi traduzido se refere ao livro *Recommendations to physicians practising psycho-analysis*, publicado pela editora

transcrição, eram frequentemente abordadas na fase subsequente de desenvolvimento do método. Logo, tais inquietações ganham voz e espaço quando levadas à supervisão.

Seguindo o rumo apresentado, abordamos agora o período de supervisão, vinculado às vivências experimentadas pelos observadores. Desse modo, segundo Souza (1995), a supervisão fundamenta-se num movimento de dois focos, sendo eles: (1) aquilo que é observado (a dupla cuidador-bebê) e (2) o instrumento de observação (o observador). Além disso, as supervisões, realizadas semanalmente, serviam como uma espécie de aprimoramento das capacidades observacionais, em que o supervisor e o grupo estimulavam a refletir sobre as considerações colocadas.

Ainda sobre o papel do grupo e do supervisor, alguns pontos podem ser abordados. Assim, na mesma obra, Souza (1995) atribui a função de iluminar o inconsciente do observador a essas duas figuras (o cuidador e o bebê). Logo, a supervisão permite os dados que não foram relatados resgatem-se, mas também que os dados registrados possam ser compreendidos (SOUZA, 1995). Em paralelo a isso, é de suma importância que o supervisor adote uma postura de compreensão daquilo que se passou, permitindo que ocorra a vazão às angústias e frustrações do observador (RIBEIRO, 2021). Em suma, para Oliveira-Menegotto *et al* (2006), a supervisão estabelece-se como uma ocasião onde o observador pode “compreender, organizar e dar sentido àquilo que fora experimentado, podendo resgatar mais facilmente a sua função, ocorrendo semanalmente com o grupo de observação e o coordenador psicanalista” (p.79-80).

A partir do exposto, observam-se fatores que se apresentam como artifícios poderosos na formação do analista. Nesse sentido, a observação de bebês pelo método Esther Bick permite o contato com sentimentos e sensações contratransferenciais e auxilia a tolerar as ansiedades apresentadas diante das implicações inconscientes do observado. Esse processo contínuo de autoconhecimento ajuda a pensar questões que ainda precisam ser refletidas e reelaboradas, desde o silêncio experimentado no processo até a própria maternagem recebida pelos observadores.

Ao refletir sobre o silêncio experimentado, algumas interpretações são necessárias. Tal silêncio, vinculado à relação não-interventiva, ao adiamento das respostas e ao abandono de certos preceitos entendidos outrora como imutáveis,

instigam a novas ponderações acerca das crenças do observador perante aquilo que de fato se entende como “outro”. Apropriando-se das palavras de Fernando Pessoa (1990), destacadas no poema *Como é por dentro outra pessoa*, provoca-se:

Como é por dentro outra pessoa  
 Quem é que o saberá sonhar?  
 A alma de outrem é outro universo  
 Com que não há comunicação possível,  
 Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma  
 Senão da nossa;  
 As dos outros são olhares,  
 São gestos, são palavras,  
 Com a suposição de qualquer semelhança  
 No fundo. (PESSOA, 1990, p.159)

Valendo dessa ideia, entende-se a proposta do método Esther-Bick como um convite a um mergulho em si mesmo. A partir dele, o indivíduo é imbuído de discriminar características contratransferenciais que impossibilitam a precisa observação da relação cuidador-bebe em sua singularidade. Conseqüentemente, a passividade que frustrava e afastava o discente do outro, no primeiro momento, foi o mesmo que permitiu pensar o inarticulável ou o indizível (DUNKER, 2020)<sup>9</sup>.

#### 4. CONCLUSÃO

O estágio básico efetuado, no que diz respeito ao método Esther-Bick, foi altamente produtivo e interessante. Muitos foram os sentimentos positivos e negativos com os quais os estagiários se depararam durante a experiência. De modo geral, foi possível extrair diversos aprendizados. Dentre estes, pode-se destacar a necessidade de efetivamente se engajar na análise pessoal — e em autoanálises — com o intuito de identificar o que é um conteúdo do observador e evitar a projeção destas questões em pacientes e pessoas observadas; isto é, percebe-se a relevância de se estar atento às contratransferências que emergem durante a clínica e de cuidar para que não se efetivem os perigos referentes a ela. Relacionado a isso, a própria oportunidade de autoconhecimento que foi possibilitada também ocupa uma posição de destaque.

---

<sup>9</sup> Christian Dunker, em vídeo expositivo acerca de “O que fazer quando não se tem nada a dizer em análise”. Disponível em:  
 <[https://www.youtube.com/watch?v=C7V1IMCwAx4&ab\\_channel=ChristianDunker](https://www.youtube.com/watch?v=C7V1IMCwAx4&ab_channel=ChristianDunker)>.

Ainda em relação à experiência, guarda um lugar especial a questão do silêncio e da passividade. Foi especialmente interessante a postura passiva e não-interventiva que precisava-se adotar, o que por vezes também foi um gerador de incômodo. Entende-se, porém, que essa atitude observacional é extremamente relevante para a prática em psicanálise — e como não considerar, em diversos momentos, uma postura imprópria a *necessidade* de intervir e resolver? Assim, considera-se que o cultivo de uma postura passiva foi, também, importante para o desenvolvimento da necessária habilidade de diferenciação de conteúdos do paciente e do analista e configurou-se como uma oportunidade para profícuas reflexões de autoconhecimento.

Por estes motivos abordados, não se pode deixar de apontar o método Esther-Bick como um instrumento extremamente útil e relevante para a formação do analista.

Compreende-se que as relações efetuadas — tanto à nível institucional, quanto interpessoal — também foram produtivas. No que diz respeito à instituição, não houve qualquer problema para a realização do estágio; por sua vez, o trabalho realizado com os colegas foi útil e agregador. Ir aos locais de observação naturalística com os demais estagiários era uma oportunidade de perceber, na prática, o quanto a atenção se direciona ao que diz respeito ao observador, e o quanto o resto é ignorado. Por outro lado, realizar as observações sozinho também tinha seu valor: nestas ocasiões, experimentava-se as observações de forma mais *crua*, sem o amparo dos colegas ao lado.

Ainda, com a realização semanal de seminários, os estagiários se sentiram amparados teoricamente para a compreensão da proposta e para a realização desta parte do estágio. Além do amparo teórico, tais conferências também serviam como um espaço de compartilhamento de indagações, incômodos e satisfações advindos das observações realizadas, o que possibilitava pontuações pertinentes da supervisora de estágio — igualmente enriquecedoras da experiência —, bem como reflexões sobre experiências de outros colegas. As reuniões semanais, portanto, também se configuraram como um aspecto fundamental deste Estágio Básico.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, suppl 1 pp. 2423-2446. Disponível em:

**REVISTA PSIQUE: RELATOS ACADÊMICOS, Juiz de Fora, v. 3, n. 4, p. 45-57, jul./dez. 2023 – ISSN 2448-3443**

<<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso: 24 nov. 2021.

BARTOLOMEI, L; FULGÊNCIO, L. **Notas para a compreensão do conceito de transferência na psicanálise de Sigmund Freud**. Anais do XIII Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas em Campinas, SP, out. 2008. Disponível em: <<https://bityli.com/CobtWp>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

CARON, N. A. Fundamentos teóricos para a aplicação do Método de E. Bick. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 29, n. 2, p. 283-291, 1995. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/psi-5442>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

FRANCO, W; BEER, P. **Um diálogo sobre a transferência**. 2015. 11 p. Online. Disponível em: <<https://bityli.com/CfaYF1>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

DUNKER, C. **O que fazer quando não se tem nada a dizer em análise | Christian Dunker | Falando nisso 286**. Online. 2020. (10m56s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=C7V1IMCwAx4&ab\\_channel=ChristianDunker](https://www.youtube.com/watch?v=C7V1IMCwAx4&ab_channel=ChristianDunker)>. Acesso em: 21 de nov. de 2021.

FIGUEIREDO, L. **Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais**. 2002. Trabalho apresentado em encontro da Formação Freudiana em Rio de Janeiro, RJ, mai. 2002.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**: Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969. *E-book*.

FREUD, S. **Fragmentos da análise de um caso de histeria**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. *E-Book*.

FREUD, S. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. *E-Book*.

FREUD, S. **Recomendações ao Médico que Pratica Psicanálise**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. *E-book*

KLEIN, M. **Narrativa da análise de uma criança**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. *E-Book*.

KLEIN, M. **Lectures on technique**. Abingdon: Routledge, 2017. *E-Book*.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. et al. O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. **Psicologia Clínica [online]**. 2006, v. 18, n. 2 pp. 77-96. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000200007>>. Epub 27 Nov 2007. ISSN 1980-5438. Acesso em: 19 de nov. 2021.

PESSOA, F. **Poesias Inéditas**. Lisboa: Ática, 1990. *E-book*

**REVISTA PSIQUE: RELATOS ACADÊMICOS, Juiz de Fora, v. 3, n. 4, p. 45-57, jul./dez. 2023 – ISSN 2448-3443**

RIBEIRO, A. Observar, elaborar e intervir: o encontro do analista com seu próprio bebe na clínica psicanalítica com a criança pequena. In: LOBOSQUE, E. M. G. e SILVA, F. G. (org.) **Serviços-Escola de Psicologia**: práticas e desafios. Artesã Editora, 2021, p. 45-55. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

SAMARCOS, A. L. **O uso da contratransferência como instrumento para a psicanálise**: contribuições de Freud, Klein e Heimann. 2015. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8175/1/51401867.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SOUZA, M. Supervisão da observação da relação mãe-bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 293-298, 1995.

ZAMBELLI, C. **A contratransferência e o afeto do analista**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/9657>>. Acesso em: 17 nov. 2021.